



REVISTA INTER-LEGERE: MEMÓRIAS

# DELEUZE E A LITERATURA: UMA CONFERÊNCIA DE ROBERTO MACHADO

---



**FAGNER TORRES DE FRANÇA**  
Mestrando do PPGCS/UFRN.

*“Poesia e pensamento precisam um do outro”.*

Heidegger.

“Eu preferiria não”. A frase, dita pelo personagem principal da novela “Bartleby, o escrivão”, publicada em 1853 por Herman Melville, é paradigmática do texto a seguir. Nosso objetivo, mais do que registrar, é fazer circular e ecoar as idéias libertadas pelo filósofo e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Roberto Machado, durante a conferência de abertura do **I Simpósio idéia & mimesis: entre o poético e o filosófico**, realizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre os dias 11 e 13 de junho de 2008, e coordenado pela professora da instituição Fernanda Machado de Bulhões.

Roberto Machado, autor de vasta obra filosófica, estudou filosofia em Pernambuco e na França, mantendo contato com alguns dos pensadores mais importantes do século XX, entre eles Michel Foucault e Gilles Deleuze. Com este último realizou o pós-doutorado em meados da década de 1980. O contato próximo engendrou uma amizade e um profundo conhecimento da obra do mestre francês. A palestra, intitulada Deleuze e a Literatura, brindou um auditório repleto na Biblioteca Central Zila Mamede, em uma noite porejando filosofia, poesia, literatura e (r)evolução do pensamento.

Deleuze (1925-1995) construiu um monumento filosófico atravessado principalmente pela idéia do aprender a pensar, romper a passividade do pensamento, criar, não importa se a partir da arte ou da ciência, interpretar o mundo de forma diferente, dar-lhe um significado diverso, próprio, singular, fazer o novo, o impensável, construir caminhos alternativos, projetos de emancipação; nesse sentido, cabe ao artista, como “ser genérico”, identificado ao povo, em comunicação com valores outros, imperceptíveis muitas vezes, captar o espectro das novas

possibilidades e apresentar o diagnóstico do mundo e os meios de superação da ordem burguesa estabelecida.

É na crítica da linguagem, feita por meio da literatura que Roberto Machado busca em Deleuze os elementos dessa via diversa de viver a vida. Trata-se de experimentar também o agramatical, uma linguagem não escrita da natureza; ou melhor, dar à linguagem um uso intensivo, significativo ou significante. As duas coisas se entrelaçam. Essa “literatura da diferença” tem como método a questão do “Procedimento”, analisada por Deleuze em autores como Melville, Beckett, Kafka e Camus, apenas para citar alguns.

O exemplo do *Bartleby*, oferecido pelo professor pernambucano, é ilustrativo de como Deleuze privilegia a questão do “Procedimento” de linguagem na literatura. Mas antes, é preciso nos ambientar. *Bartleby* é um escrivão que vai trabalhar em um escritório de advocacia com a finalidade de copiar documentos. Mas, sempre que solicitado a prestar um serviço, o empregado responde: “eu preferiria não”. E a mesma frase se repete em diversas situações. A insatisfação leva o advogado a oferecer-lhe trabalho em outra firma, com salário maior. Ele nega proferindo a mesma sentença.

Cansado desta rotina, o patrão resolve ir embora. O novo proprietário, no entanto, sem conseguir demover *Bartleby* da idéia de continuar no local, repetindo o mesmo bordão, acaba mandando-o à prisão, onde morre sem jamais deixar de recitar a enigmática frase, “eu preferiria não”. Segundo Machado, *Bartleby* é um sujeito sem referência, que sabe alguma coisa de inexprimível e vive alguma coisa de insondável. Deleuze, diz Roberto Machado, explicita essa idéia com a diferença de dois tipos de criaturas: os “personagens particulares” e os “personagens originais”.

Os “personagens particulares” são os que obedecem às leis gerais. Apegados às convenções, vivem conforme os pressupostos da humanidade, o dito, o lugar-comum, o clichê, sem questionar as tradições, os comportamentos e as heranças. Outro tipo de personagem é o que ele chama de “original”, uma potente figura solitária, singular, que ultrapassa qualquer forma explicável. “Para Deleuze, original e singular é alguém que sabe algo que os outros não sabem. E é algo que é inexprimível. Ele vive algo de insondável que, segundo Deleuze, revela um vazio. Revela a imperfeição das leis gerais que organizam nossa sociedade”, afirma o conferencista. Para ele,

o escrivão, com sua frase, está expondo uma lógica extrema e sem racionalidade, o que Deleuze chama de irracionalismo superior [...] Essa fórmula do *Bartleby*, apesar de sua construção normal, ressoa como uma anomalia, uma forma insólita do ponto de vista sintático. É o seu termino abrupto que, para Deleuze, deixa indeterminado o que ela rejeita. “Preferiria não”, por quê? Isso nunca é explicitado, o que faz com que a frase não seja nem uma afirmação e nem uma negação. Não sendo nem uma nem outra,

abole toda a referência. Ela mantém o mundo à distância. O escritor nem aceita nem recusa. Ele recusa apenas não preferir, criando uma zona de indefinibilidade, indeterminação, entre preferência e não preferência.

Do ponto de vista da linguagem, a frase introduz uma impossibilidade de referência ao mundo. Dessa forma, explica o palestrante, a linguagem deixa de ser humana para ser inumana ou sobre-humana, o que Deleuze chama de “língua originária”, “porque seria a língua não de um particular, que fala se submetendo às regras do mundo burguês, capitalista etc., mas de um original, uma língua que devasta as referências, mina os pressupostos que permitem a linguagem designar as coisas a partir de um sistema de convenções lógicas, sociais e gramaticais”.

Assim, Melville e outros autores levam o romance para longe da razão, com “personagens que vivem suspensos no nada, sobrevivem no vazio, conservando seu mistério até o fim, desafiando a lógica e a psicologia”, apresentando uma forte crítica ao humanismo moderno e ao antropocentrismo, contra a noção de sujeito e a pessoa que fala. Deleuze quer o privilégio do impessoal, do indefinível, pois a literatura não consiste em imaginar ou projetar um “eu”. Como diz Machado:

A literatura só começa quando nasce no escritor uma terceira pessoa, uma potência impessoal que tira da linguagem este poder de dizer eu. Esta terceira pessoa que é uma singularidade em um nível mais elevado. Os personagens são arrastados para o indefinível, considerado como um devir. O objetivo da literatura é levar a este estado de uma potência impessoal. O que faz Deleuze pensar nesses personagens, não como pessoas ou sujeitos, mas como “coleções de sensações e princípios”, enaltecendo nesses personagens um procedimento de individuação que não seja de subjetivação. É o que ele chama de individuação pela identificação ou pela identidade.

Nesse contexto, segundo Deleuze, a literatura não se reduz a um fenômeno de linguagem, mas está atada a uma intensa relação com o que ele chama de “de fora”. A arte em geral seria, então, criadora de pensamento, uma condição para outra coisa, capaz de gerar a “gagueira” da própria linguagem, mas não da palavra, “uma linguagem que Deleuze chama de afetiva, intensiva, vibrátil, característica de um sistema lingüístico em perpétuo desequilíbrio, sempre afirmando uma disjunção, uma diferença”. Seria esse o conceito caro a Deleuze de “disjunção inclusiva”, a idéia de um acordo discordante, um acordo que parte da discórdia.

Escrever seria, então, captar uma “essência” inatingível à maioria das pessoas; “escrever para ver e ouvir, mas o problema é como ver e ouvir o diferente, e não o clichê, a lei geral, aquilo que já está estabelecido, dito e redito”. Os procedimentos literários levariam a

experiência da linguagem ao limite para tentar desfazer a lógica vigente, devastando as significações correntes, mas sem deixar de ser linguagem.

A linguagem deixaria, assim, de ser apenas representativa, subordinando a diferença à identidade, pois “o que interessa a Deleuze na linguagem literária é que ela afronte uma vida desconhecida, que não é dada no nível da percepção. No momento em que você transgredir a lei da linguagem, você é capaz de se dar conta dessa potência vital desconhecida que é produzida por visões e audições”, afirma o filósofo. Para ele,

a idéia é atingir o máximo que a linguagem pode, na afirmação da diferença, [que] leva à criação de novas audições e visões. É encontrar uma língua estrangeira na nova língua. A linguagem sofre uma reviravolta. Levada a um limite agramatical, é levada a um de fora, que é capaz de criar visões e audições, e que já não pertencem mais à língua, mas estão além da língua. Nesse sentido, a sintaxe dessa linguagem literária, dessa linguagem da diferença é, segundo Deleuze, um conjunto de desvios necessários criados para revelar o que há de vida nas coisas, em geral encoberta por esta linguagem que não cria.

Para o autor de *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*, o que mais interessa a Deleuze, quando pensa em literatura, é a questão do “devir”, que seria o mesmo que “desterritorialização” ou “linha de fuga”. Deleuze procura pensar como forma de escapar a dominação. Nesse diapasão, o conceito de “devir” pode ser considerado como um dos principais de sua obra, pensado em oposição à imitação, à reprodução, à identificação com a semelhança.

Mas o devir, como observa Roberto Machado, não é uma coisa que diz respeito à imaginação: ele é real, não no sentido de alguém se tornar alguma coisa, mas de adquirir as suas propriedades essenciais. No caso do devir animal, é assumir a coragem do leão, a resistência do camelo, a paciência do urso, a força da pantera, a malícia da raposa; enfim, “não é fazer o mesmo que eles, mas estabelecer uma relação no sentido da intensidade, não do ponto de vista macro, mas do ponto de vista micro, não molar, mas molecular”. Portanto, o devir

[...] é um entrelaçamento de duas sensações, mas de duas sensações sem semelhanças. Duas sensações homem-animal levam a criação de uma zona comum, que é uma zona de vizinhança, de indistinção, indeterminação, de indefinibilidade entre elas, até o ponto em que você não sabe onde começa uma e termina a outra. Pensar em devir é pensar sempre em encontro de dois reinos dessemelhantes, é sempre uma desterritorialização conjugada.

Machado exemplifica esta idéia partindo de outro famoso texto de Herman Melville, *Moby Dick*. A obra é representativa do devir animal vivido pelo capitão Ahab, comandante de um baleeiro cujo principal alvo era uma baleia cachalote branca. Os embates travados com o

animal custaram inclusive uma de suas pernas. A forte relação entre Ahab a Moby Dick, como era chamada, acabou fazendo com que o capitão transgredisse a lei geral dos baleeiros, segundo a qual qualquer baleia saudável é boa para se caçar. A aliança monstruosa chega a tal ponto que leva o marinheiro a perder a vida enredado nas cordas e nos arpões, fundindo-se à baleia: ambos agora eram um.

Dessa forma, devir é se desterritorializar em relação ao modelo. Mas a questão do devir não passa pela quantidade e sim pela qualidade. Todo devir é minoritário. Apesar de ser em maior número no planeta, a relação da mulher com o mundo é de minoria. Maioria, como explica o conferencista, é ser homem, branco, ocidental, alfabetizado, heterossexual, racional etc. “Devir jamais é devir majoritário. Ser majoritário nunca é o resultado de um devir. Todo devir é necessariamente minoritário”, completa.

No caso da literatura, explica o titular da UFRJ, Deleuze distingue os conceitos de língua “maior” e “menor”. Seguindo essa linha, cada língua pode ser considerada maior ou menor, pois “maior e menor não são dois tipos de línguas, são dois tratamentos possíveis de uma mesma língua. São duas funções da língua.

Kafka seria, então, o grande exemplo de Deleuze. Judeu, tcheco e escrevendo em alemão, Kafka vai dar ao idioma um tratamento criador de língua menor, que foge às convenções do sistema dominante, profetizando o pesadelo do irracionalismo institucional e sua fúria legiferante, do terror de um mundo tecnocrático, burocrático, totalitário e enlouquecido. Aqui a questão da quantidade também não é primordial. A idéia é tornar menor uma língua maior, contribuindo para a invenção de um povo. Mas pensar o povo de uma perspectiva revolucionária, ativa, diferente, contestadora.

A importância do literato, nesse contexto, é muito mais orgânica do que de afastamento. Neste quadro,

[...] O literato não é um ser superior, um ser predestinado, não é um gênio, mas alguém articulado com uma coisa que não é ele mesmo, que é justamente esse povo menor do qual ele faz parte que está tomado num devir enquanto devir revolucionário. No sentido de um povo sempre em devir, um povo bastardo, um povo inferior, dominado. Ele defende a literatura como agente coletivo de enunciação. Essa idéia de que a literatura diz respeito fundamentalmente a um povo, e não a indivíduos excepcionais, a grandes individualidades; o escritor inventa um uso menor da sua língua maior. Põe a sua língua em desequilíbrio, fazendo-a bifurcar, variar em seu estilo. Nesse sentido a escrita não é pessoal, mas impessoal e coletiva. Há um modo não subjetivo, há um modo impessoal de escrita que destrona a figura do individuo escritor, que destrona a figura do autor.

Nesse ponto, o aluno de Deleuze comenta dois conceitos importantes da obra do mestre. Segundo ele, essa linguagem literária ao se relacionar com o “de fora” da própria linguagem, coloca a questão da saúde e da doença. Os artistas – se são grandes artistas –

estão mais próximos de ser médicos do que pacientes. É o artista, como médico de si próprio e do mundo, capaz de diagnosticar as doenças do mundo e suas possibilidades de cura. Como exemplo, ele cita Sacher-Masoch, que dá nome a uma perversão, o masoquismo, “não porque sofra dela, mas porque renova e representa os sintomas dessa manifestação patológica”.

Finalizando, Roberto Machado argumenta que, para Deleuze, o artista é alguém que viu ou ouviu algo grande demais. Capaz de afrontar a desrazão, muitos acabam caindo na loucura, deteriorando o corpo. Mas parece ser isso o alimento de sua alma. O artista viu e ouviu algo forte demais, intolerável, superior, irrespirável, insuportável e intragável. O esgotamento, como consequência, traz a marca da morte. Mas,

[...] mesmo envolvido com a marca da morte dentro de si, o artista é capaz de viver, e fazer-se diferente do que é, adquirindo a grande saída. Escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona. É uma tentativa de libertar a vida daquilo que aprisiona a vida, indicar uma saída. Escrever é o ato de tornar visível o invisível, tornar audível o inaudível, dizível o indizível, tornar pensável o impensável.

Deleuze parece ter vivido consumido pelo mundo, pelas dúvidas, pela sensibilidade, pela tuberculose e pela insuficiência respiratória; pela capacidade aguçada de captar e traduzir a desrazão, o desconhecido, de absolver esse espectro ameaçador e ao mesmo tempo dotado de energia de transformação, tendo ele como grande condutor. Foram muitos os grandes gênios que viveram perseguidos pela pobreza, pela doença, pela loucura, pela morte e pela incompreensão da maioria. Alguns preferiram abandonar a vida a suportar tanta dor, tanta lucidez. Foi um câncer em estágio avançado o que empurrou Deleuze da janela de um hospital na França em 1995. Mas nada impede que o século XXI também seja deleuziano.